

## Carlos Gondim, Poeta de Mísero Destino

ALBA VALDEZ

Carlos Gondim é um nome representativo nas crônicas e estudos da poesia cearense. Os adjetivos que se lhe aplicam resumem o impressionismo, ao mesmo tempo que díspares e heterogêneos por assim o sugerirem os feitos marcantes de sua inteligência, o peregrinismo de sua arte sedenta de perfeição em antinomia com os extravijs morais, os altos e baixos de uma impulsividade tentacular, os trágicos episódios que lhe entenebreceram a vida de homem.

Nasceu Carlos Gondim a 6 de dezembro de... O ano? Rola no plano da controvérsia. No volume I.º, edição de 1910, primeira e única, do Dicionário Bio-bibliográfico Cearense, do Barão de Studart nada se lê sobre o poeta que, já àquela época, colaborava em jornais e revistas fortalezenses, assinando trabalhos que, pouco a pouco, iam tornando conhecido e apreciado nas rodas intelectuais.

Explica-se, entretanto, a omissão por parte do Barão de Studart, considerando-se que Carlos Gondim não havia até então publicado nenhum livro.

Outros cultores e estudiosos da história da vida mental do Ceará, vindos depois, fizeram a referência biográfica, mas, enquanto opinam unânimemente sobre o dia e o mês do nascimento do poeta — 6 de dezembro — discrepam quanto ao ano.

Cruz Filho, no capítulo intitulado — **A poesia regionalista** — que integra a sua **História do Ceará**, e Hugo Victor, numa nota biográfica da coletânea — **Sonetos Cearenses** — dão o seu nascimento como ocorrido em 6 de dezembro de 1884. Acolhe essa opinião o jornalista Raimundo de Araújo em artigo estampado, há tempos, no jornal «O Estado» — sob o título e sub-título — **Poetas do Ceará — Carlos Gondim** — advertindo apoiar-se nos dois autores supra-citados.

Outro historiador literário, Mário Linhares, na sua **História Literária do Ceará**, tocando no mesmo assunto, menciona 6 de dezembro de 1885 e, recentemente, no **Registro Biográfico Cearense**, seção da folha — «O Nordeste», mantida pelo dr. José Bonifácio de Sousa, membro do Instituto do Ceará, a data do nascimento de Carlos Gondim exara-se como sendo a 6 de dezembro de 1886.

Do exposto, deve-se concluir que é ponto ainda obscuro o ano

do nascimento do poeta Carlos Gondim, cujo berço teve por cenário um verde rincão serrano de Baturité, a antiga vila de Coité, hoje com a denominação de Aratuba.

Carlos Gondim foi, sem contestação, um alto poeta, dos maiores do Ceará, também um grande desgraçado, porventura, mais do que Joaquim de Scusa, cognominado o **Byron da Canalha**; mais do que Barbosa de Freitas, pelas atrozes circunstâncias que cercaram a sua vida e a sua morte.

Admirável artista do verso, Carlos Gondim não fez estudos secundários nem superiores. Frequentou apenas os bancos da escola primária, onde recebeu a instrução elementar que, para o jovem talentoso que êle era, fascinado pela leitura, se tornou o ponto de partida para a aquisição de conhecimentos superiores, ascensão para as alturas da Arte e da Beleza com que ungiu a sua produção poética.

A cultura adquirida pelo próprio esforço, abrangendo história, mitologia, ciências, literatura clássica, transparece no seu verso parnasiano, trabalhado com o instrumento de linguagem aprimorada de forma requintada, difícil à compreensão do leitor comum que pôde ficar confuso ante uma construção como esta :

Irrquieta, à flor das ondas em cardumes,  
Ora róseas, abrindo as asas, ora azúleas,  
Vogam na espuma argêntea, em seus radiosos lumes,  
Como efémeros sóis, errantes, as Cimbúleas.

Centenares, ao léu das vagas, em cerúleas  
Conchas, de bugalhões e remotos negrumes  
Surgem, bailando ao som de misteriosas dúlias  
Haurindo à equórea planta os estranhos perfumes.

Loucas, no amplo lençol das vagas espumantes,  
Brincam: e é todo o mar refúlgida Golconda  
De topásios, rubis, safiras e diamantes...

E, volúveis, ruflando as asas sôbre as vagas ;  
Em farândola ideal, elas vão de onda em onda :  
— Borboletas do oceano, adormecer nas fragas.

Este soneto — **As Cimbúleas** — de intenso efeito sônico e pictural, apresenta, como se acaba de ver, um conjunto harmonioso de expressão e rimas de riqueza faustosa, um vocabulário de linhagem erudita e, raro, na sua maior parte, na linguagem corrente.

É que Carlos Gondim não foi poeta para as multidões, como o foi o Padre António Tomaz, talvez o mais declamado dos nossos

vates. Poeta, êle o foi para as elites intelectuais, aptas para lhe interpretarem as mensagens da alma atormentada e incompreendida.

Cêdo, entregou-se a uma vida desregrada, de dissipações, frequentando bares e botecos e, à roda dêle gente de vários quilates, especificada na boemia da cidade, às vezes, indivíduos de baixo nível moral, despojados do menor sentimento de dignidade e nobreza.

Certa ocasião, um dêesses indivíduos, numa bravata de gabolice cínica, vomitou uma confidência ignóbil, rasgando-lhe o coração, onde sobrevivia como uma flôr em terra arrasada, o afeto da familia. O inesperado impacto de lama alterou-lhe repentinamente a face morena. Onda de fogo subiu-lhe a cabeça, injetando-lhe os grandes olhos negros e fortes. A reação explodiu terrível, fulminante. Ia haver desgraça. E o outro apunhalado, golfando sangue da profunda ferida, caiu morto.

Processado e condenado, foi para a cadeia cumprir a pena do delito que praticara. Alí, no ambiente infecto da prisão, concretizou aquela fase amarga da existência num volume de joias poéticas — **Poemas do Cárcere** — publicado em 1923, o qual obrigou o meio literário, por seus mais categorizados ergãos, a manifestar-se em valiosas e merecidas críticas.

Essa a sua segunda obra, pois, a primeira — **Tortura do Artista** — surgiu em 1915.

Iniciara, porém, a carreira literária em 1903, com a publicação no diário — «A Republica» — dos versos intitulados — **O Amor** — que, ao dizer de Dolor Barreira, autor da **História da Literatura Cearense**, devem ser considerados (até que se possa provar o contrário) a primeira manifestação poética de Carlos Gondim.

Aquêles dias sem sol, passados na prisão, e povoados de tristezas e reveltas, não operaram, em relação ao poeta, solução de continuidade quanto à sua atividade nas letras.

Retornado ao meio donde se ausentara, temido por uns, evitado por outros, Carlos Gondim, homem de vida frustrada no que ela tem de helc e glorioso, absorveu-se cada vez mais no seu ideal de artista.

Poeta de alma sombria, lacerado pelas arestas do caminho pedregoso que palmilhava, sente-se, todavia, na brilhante obra que deixou um forte sôpro de coragem, o talento que lutava por sobreviver.

Não é outro o sentido de **Ânsia Revêl**, seu último livro, publicado em 1929.

No poema inicial sob o título de — **Ânsia de Perfeição** — o poeta entrega-se todo ao sonho que o anima, simbolizado na estátua de uma mulher de formas helênicas, ao fundo do atelier, no meio do qual se espalham fragmentos de mármore, maquetes e trabalhos incompletos.

O poeta brada, altivo :

«No meu ninho de abutre, esquecido do mundo,  
Mergulhado no Ideal, entrevejo a obra d'Arte!»

Mas, daí a pouco, sôa duro o rebate da descrença e êle se interroga, oprimido, desencantado :

Que vale ensandecer, para arrancar do nada  
A obra que não compensa as misérias da vida ?»

Um hiato de curtos instantes, apenas, na vida daquêle amor, mais forte do que os outros amores que Carlos Gondim conheceu. Amor, obsessão, psicose, aquela ânsia da forma irrepreensível, da perfeição do verso ?

Eis um problema íntimo, posto em equação, suscetível de aguçar a ação do psicólogo.

A Arte, em síntese, é uma evasão, abrindo perspectivas de novos horizontes, uma terapêutica para a conservação da saúde do espírito.

A Arte foi para Carlos Gondim uma outra face da vida até o seu último dia, 11 de março daquêle histórico ano de 1930.

Amante da sua Pátria, acabara êle de ouvir, naquela noite, a palavra flamejante de Maurício de Lacerda, pregando novos rumos para o futuro do Brasil, na iminência de uma derrocada, produzida pelos vícios do regime.

Já era um pouco tarde, quando se dirigia à casa, para os lados da Parangaba. Noite escura. Caminho deserto. De repente, a certa altura, o braço de misterioso assassino, vibrou-lhe o punhal, prostrando-o no chão empoeirado da estrada para...

O poeta, ressurgido, seja êle, quem, neste instante, subentenda a reticência com o verso final de um poema de **Ânsia Rével** :

«Para sempre dormir... e nunca mais sonhar!»